

A CRIATIVIDADE NO USO DA LÍNGUA

Maria Margarida de Andrade
Universidade Presbiteriana Mackenzie
guida17@hotmail.com

RESUMO: Muitos pesquisadores têm abordado a questão da criatividade no uso da língua, do ponto de vista da linguística, analisando os processos de formação de novas palavras, as mudanças semânticas, os neologismos, porém, neste trabalho, serão enfocados os vocábulos de uso corrente que ainda não constam dos dicionários, mas que já estão vivos na linguagem dos falantes, ou seja, a criati-vidade lexical espontânea. Portanto, o objetivo deste trabalho é de-monstrar que o povo, ou os falantes é que fazem a língua. Houve tempo que se recorria aos dicionários para comprovar a existência de determinada palavra na língua. Atualmente, identifica-se pelo uso a existência de determinadas palavras que ainda não foram dicionari-zadas, mas que, mais tarde ou mais cedo, passarão a integrar o acervo dos dicionários de língua. É o reconhecimento da força do uso dos falantes determinando a vigência de palavras ainda não diciona-rizadas.

PALAVRAS-CHAVE: renovação lexical; estrangeirismos; alterações semânticas; neologismos, criatividade lexical.

ABSTRACT: The main objective of this work is to demonstrate that “the language is made by the people” The lexical productivity is a principal attribute of the linguistic ability and includes all the grammatical areas. Within of several methods of lexical renovation stands out in the work a spontaneous productivity. To achieve the suggested objective representing some vocables used by speakers, in spite of they are not included in dictionaries.

KEYWORDS: lexical renovation; foreigner words; semantics alterations; neologism; lexical productivity.

RÉSUMÉ: Le but le plus important de ce travail c’est démontrer que c’est “le peuple qui fait la langue”. La productivité lexical est un attribut fondamental de la créativité linguistique et comprends tous les niveaux gramaticaux. Parmi les divers process de renouvellement lexical on détache dans ce travail la créativité spontanée. Pour atteindre le but proposé on

énonce quelques vocables utilisés par les gens, quoique ils ne soient pas encore inclus dans le dictionnaires.

MOTS-CLÉ: renovation lexical; étrangerismes; alterations sémantiques; néologie; productivité lexical.

0 - Introdução

O léxico da Língua Portuguesa, como o de toda língua viva, é um universo de transformações, que decorrem da necessidade dos falantes de uma comunidade linguística em adotar palavras novas ou adequar palavras já existentes às exigências da comunicação efetiva. A complexidade da civilização atual acentua ainda mais essa necessidade de inovação, em razão de novos referentes que surgem, novas relações que se estabelecem entre os membros das diferentes sociedades. Segundo Castro (2010):

Há palavras que entram na língua disfarçadas e pela janela, outras que desaparecem e são esquecidas, e, um dia, são encontradas mortas num sebo de livros; e ainda outras que surgem de repente, brilham por um momento nos salões, e, também, acabam abandonadas.

O desenvolvimento dos meios de comunicação facilita o processo de interpenetração das línguas. Os nomes estrangeiros ingressam na língua porque acompanham objetos, fatos ou técnicas importados; cumpre aos falantes aceitar ou adaptar esses nomes, criando os empréstimos ou estrangeirismos, que são agregados ao léxico da língua.

1 - Empréstimos e estrangeirismos

Em Portugal e na França há uma séria resistência à “invasão” de empréstimos e estrangeirismos. No Brasil, grande número de estrangeirismos, principalmente os relativos à informática e economia, foram adaptados ao léxico da língua. Camargo (2010), em recente artigo publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo* revela que o dicionário

eletrônico “Aurélio 7.0” incluiu vários termos estrangeiros, adaptados ou não, por exemplo, o verbo *Tuitar* (de Twitter) que, segundo a autora, é conjugado como eu *tuito* e não eu *tuíto*, forma consagrada pelo uso; além de *bullying*, *pet shop*, *sex shop*, *pen drive*, *reality show*, *chef*, *bandeide* e *chocólatra*. *Balada* e *avatar* receberam novos significados, de acordo com o uso atual: *balada* substituiu o antigo “baile” e “avatar” tornou-se personagem de jogo eletrônico. O dicionário Houaiss registra *botox* e *motobói*. Nota-se que alguns nomes conservam sua forma original, como *short*, *shopping*, *smocking*, *slogan*, *marketing*, *hardware* etc; outros são aportuguesados: *blogar*, *deletar*, *escanear*, *teclar*, *atachar* e outros. Os novos nomes correspondem à necessidade de nomear coisas novas, embora algumas palavras, que já não desempenham esta função, permaneçam na língua e nos dicionários, por exemplo: *disquete* e *vídeocassete*, que designam objetos ultrapassados. Justifica-se sua permanência porque muita gente ainda tem esses aparelhos, que são citados em vários materiais escritos.

Verdade seja dita: não somente o comércio, mas também a informática e o jornalismo abusam no emprego de estrangeirismos, que só deviam ser usados na falta de um correspondente razoável na língua portuguesa.

2 - Neologismos

É sabido que a língua, para desempenhar suas funções de comunicação e interação social necessita promover a formação ou adaptação de vocábulos novos, sempre que seja preciso designar objetos, fatos ou técnicas novas. Essa renovação lexical constante faz-se por meio de empréstimos a outras línguas ou neologismos. Entende-se por neologismo a criação de novos vocábulos ou a alteração de significados pré-existentes. Sabe-se que o léxico, no sentido de competência lexical, define-se como um sistema de possibilidades, constituído de palavras reais (norma) e de palavras Possíveis (virtuais), que, contudo, obedecem a certas regras de formação.

Dentre os processos de formação lexical destaca-se a neologia,

como instrumento específico de adaptação da língua ao contexto, uma vez que, segundo Barbosa (1979, p.157):

As unidades do léxico são criadas segundo as necessidades e convenções de um grupo sociocultural e, paralelamente, condicionam a percepção e o conhecimento que os membros desse grupo têm do mundo.

Não se pretende aqui analisar os processos neológicos, os tipos de neologias, e suas implicações no sistema da língua, bastando apenas a citação de Marcellesi (1974), que define neologismo como “produção de unidades lexicais novas, seja pela criação de uma nova forma, seja pela criação de um novo sentido, a partir de um mesmo significante”. Ullmann (1977) afirma que a mudança de significado se fundamenta na polissemia e constitui uma especialização em determinada linguagem. Bechara (2000) cita a gíria como uma das formas de renovação lexical. Pode-se inferir que a neologia não constitui apenas um processo de renovação e enriquecimento do léxico, mas tem, sobretudo, a função principal de adaptação da língua a seu contexto específico, uma vez que reflete exigências de natureza sociocultural.

3 – A renovação lexical

A renovação lexical revela o caráter dinâmico da linguagem e mostra os modos de ver do sujeito que atua na sociedade. É principalmente por intermédio dos meios de comunicação de massa, que retratam a sociedade de uma dada época, que os neologismos recém criados tornam-se conhecidos e difundidos. O domínio discursivo da mídia tem contribuído grandemente para a expansão de uso dos termos como *impeachment*, *agriculturável*, *conscientização*, *destraumatizar*, *voto vinculado* e outros. Ao estudar a neologia, observa-se que os casos de criação de novos vocábulos são menos numerosos que os de alterações semânticas.

Barbosa (1981, p. 136) ensina:

Comumente, o neologismo resulta da ação individual de um locutor, mas ocorre, às vezes, que ele resulte do consenso de um grupo de especialistas de determinada especificidade, ou ainda, pode ser criação popular, sem que seja possível surpreender-lhe a origem.

Neste trabalho, procura-se tratar o neologismo apenas enquanto criação popular. Palavras inventadas ou cujo sentido tradicional foi alterado pelos falantes ficam algum tempo em observação; caso seu uso persista, serão incorporadas ao léxico da língua e passarão a figurar nos dicionários.

4 - Em breve no dicionário

Sob o título em epígrafe, Ruy Castro publicou na *Folha de S. Paulo*, um interessante artigo, que trata justamente dos neologismos ainda não dicionarizados, mas que poderão em breve integrar o acervo lexical da língua. São eles:

Tripulado – taxista que está com passageiro.

Divergir – mudar a rota (do avião). O sistema de som do aeroporto de Congonhas comunicou aos passageiros que o Santos Dumont estava fechado e que o avião iria “divergir” para o Galeão.

Fusionados – fundidos. A companhia aérea avisou que os voos X e Y seriam “fusionados”, ou seja, fundidos em um só. Fusionar é palavra dicionarizada e significa “fundir”, portanto, os novos significados não estão “errados”...

Alguns neologismos são tachados de “pedantes” e provavelmente não terão futuro na língua, por exemplo: não soa muito bem afirmar-se que a estrada é “*pedagiada*”, ou seja, tem pedágio. *Aparelho*, há algum tempo foi local de esconderijo ou ponto de reunião de um grupo clandestino; desse vocábulo deriva *Aparelhar*, no dizer do já citado Castro(2010) é a tomada de órgãos do Estado por um grupo político-ideológico, sem preocupação com a qualificação técnica dos nomeados.

Além dos casos citados, observa-se a mudança de significado de várias outras palavras. O Novo Aurélio (1999) registra, na p. 1534,

pé na cova – gratificação ou abono que o funcionário recebe, quando está a espera da aposentadoria, além do significado tradicional: indivíduo magro, muito doente.

Conclusão

A produtividade ou caráter ilimitado é uma propriedade fundamental da criatividade linguística. Ela abrange todas as áreas gramaticais, e está na base da *possibilidade*, partilhada por todas as línguas, de nomear objetos e conceitos novos ou de descrever situações reais ou imaginárias, nunca antes vividas ou imaginadas.

Os mecanismos de renovação lexical impedem que o universo léxico do código seja estático. Na verdade, o código linguístico e o universo linguístico que dele faz parte, só podem existir e funcionar numa permanente tensão dialética conservação / mudança.

Embora sejam vários os processos de criação e renovação lexical, conclui-se que, qualquer mudança que não conte com o aval dos falantes tende a desaparecer da língua. Por outro lado, a criação lexical popular, escudada no uso dos falantes, se impõe a toda e qualquer norma ou regra gramatical, confirmando que, de fato, “o povo é que faz a língua”.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. Renovação nos domínios de especialidades. *Ciência e Cultura* v.58 n.2, 2006.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.
- _____. Aspectos da produtividade léxica. *Língua e Literatura*. São Paulo: EDUSP, 1979, p. 167.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

- CAMARGO, Thaís Nicoleti de. Dicionário “Aurélio” incorpora alguns termos estrangeiros. *Folha de S. Paulo*, 03-11-2010.
- CASTRO, Ruy. Em breve no dicionário. *Folha de S. Paulo*, 22-09-2010, p.A2.
- _____. O DNA da Língua. *Folha de S. Paulo*, 28-11-2010. Cad. Ilustríssima, p.3.
- FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro:Objetiva, 2001.
- GUILBERT, Louis. *Le lexique*. LANGUE FRANÇAISE, Paris: Larousse, 1969.
- MARCELLESI, Ch. Néologie et fonctions du langage. *Langages*. Paris:Didier-Larousse (36): 95-102, déc. 1974.
- ULLMANN, S. *Semântica:uma introdução à ciência do significado* Trad. J. Osório Mateus. 4. ed. Lisboa:Calouste Gulbenkian, 1977.